

A HISTERIA E SUAS NOVAS NUANCES

HYSTERIA AND ITS NEW NUANCES

LA HISTERIA Y SUS NUEVOS MATICES

*Luciene Aparecida Silva**

*Ilka Franco Ferrari***

RESUMO

A histeria guarda um lugar de destaque na história da clínica psicanalítica. Freud deu a ela a marca do complexo de Édipo e do amor ao pai como bússolas para sua escuta. Por sua vez, Lacan mostrou como esses aspectos se mostram insuficientes para abordar a neurose que, na atualidade, traz as marcas do discurso capitalista e não responde mais aos apelos do pai e do Édipo. A histeria rígida, apresentada no contexto da introdução do nó borromeano, segue essa orientação, pois mostra a recolocação do lugar do pai em termos nodais, do sintoma como acontecimento de corpo que ultrapassa sua face decifrável e, por fim, do falo no registro da falácia e da verificação dos efeitos do real. São vias pelas quais se deve ler a neurose hoje, visando que a interpretação do analista alcance o corpo falante para produzir, com ele, um acontecimento e não apenas sentido.

Palavras-chave: Histeria. Histeria rígida. Acontecimento de corpo. Falo.

ABSTRACT

Hysteria holds a prominent place in the history of psychoanalytic clinic. Freud gave it the imprint of the Oedipus complex and of love for one's own father as compasses for its listening. In turn, Lacan showed how these aspects are insufficient to address neurosis which, nowadays, bears the marks of capitalist discourse, and no longer responds to the father's and Oedipus' appeals. Rigid hysteria, presented in the context of the introduction of the Borromean knot, follows this orientation, as it shows the replacement of the father's place in nodal terms, the symptom as a body event that goes beyond its decipherable face and, finally, of the phallus in the register of fallacy and verification of the effects of the Real. These are ways in which neurosis must

Texto recebido em 11 de abril de 2019 e aprovado para publicação em 16 de novembro de 2020. Artigo derivado de parte da dissertação de mestrado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), intitulada "*Sinthoma* e desencadeamento: um estudo sobre o desencadeamento na neurose a partir da histeria rígida e da neurose ordinária".

* Mestra em Psicologia pela PUC Minas, especialista em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), psicóloga e supervisora do Centro de Atenção Diária e Integral em Saúde Mental do IPSEMG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4026-1101>. Endereço: Rua Fernandes Tourinho, 735, sala 705 - Lourdes, Belo Horizonte-MG, Brasil. CEP: 30112-011. E-mail: silva_luciene@hotmail.com

** Doutora em Psicologia pelo Programa de Clínica y Aplicaciones del Psicoanálisis, na Universidade de Barcelona, Espanha; professora adjunta IV da PUC Minas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6367-3136>. Endereço: Rua Itaipú, 525 - Dom Cabral, Belo Horizonte-MG, Brasil. CEP: 30535-012. E-mails: ilkafferrari@gmail.com; ilka@pucminas.br.

be read today, aiming for the analyst's interpretation to reach the speaking body to produce an event and not just a sense.

Keywords: Hysteria. Rigid hysteria. Bodily event. Phallus.

RESUMEN

La histeria ocupa un lugar destacado en la historia de la clínica psicoanalítica. Freud le dio la huella del complejo de Edipo y del amor al propio padre como brújulas para su escucha. A su vez, Lacan mostró como estos aspectos son insuficientes para abordar la neurosis que, hoy en día, lleva las marcas del discurso capitalista, y ya no responde a las apelaciones del padre y de Edipo. La histeria rígida, presentada en el contexto de la introducción del nudo borromeo, sigue esta orientación porque muestra la sustitución del lugar del padre en términos nodales, del síntoma como evento corporal que va más allá de su rostro descifrable y, finalmente, del falo en el registro de falacia y verificación de los efectos de lo Real. Son formas en las que la neurosis debe leerse hoy, con el objetivo de que la interpretación del analista llegue al cuerpo hablante para producir un evento y no solo un sentido.

Palabras clave: Histeria. Histeria rígida. Evento corporal. Falo.

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que nascimento da psicanálise, como prática e como doutrina, é inerente à clínica da histeria, e que Freud construiu o arcabouço teórico da neurose a partir da generalização dos achados sobre a histeria. Observa-se, entretanto, que no transcurso do tempo aconteceu certo apagamento do que se estabeleceu como sintoma histérico, o que pode ser visto como decorrência de declarado rechaço ao que vem do inconsciente e da psicanálise, sustentado no desaparecimento da histeria nos manuais psiquiátricos DSM e CID, bem como pela mudança na forma como ela se apresenta na atualidade.

Assim, a pergunta de Lacan (1977/2007a), em 1977, sobre as históricas de outro tempo, tempo freudiano, tem sido frequentemente evocada. A teoria lacaniana, ao final dos anos sessenta, já fazia referências à hegemonia do discurso capitalista e seus efeitos para o sujeito e para a clínica psicoanalítica, indicando que a bússola do Complexo de Édipo já não era boa escolha para escutar a histeria.

Em 1978, Lacan já dizia que se a neurose obsessiva certamente existia, mas não se podia dizer o mesmo sobre a histeria (Alvarenga, 2013). Acerca do tema, pode-

se argumentar, em favor de Lacan, que, se a histeria se encontra modificada, a neurose obsessiva, por sua vez, de alguma maneira, sobreviveu, dada sua especial relação com o discurso capitalista, sustentador do imperativo de gozar sempre mais, o que está em sintonia com sintomas compulsivos que lhes são próprios.

Apesar do apontamento de Lacan, sabe-se que a histeria está aí com toda a força que lhe caracteriza, travestida de toda sorte de males do corpo, nos consultórios de cardiologistas, gastroenterologistas e ginecologistas, entre outros. Ela não somente adota e antecipa modismos sobre o mundo que a circunda, como também faz uso do que o mundo impõe, o que não escapa ao mundo globalizado e a premência das drogas, da mercadoria, do culto ao corpo, colocando-a, como sempre, no registro do inclassificável, escapando das pretensões classificatórias da psiquiatria. Por isso mesmo ocorre o seu pretense desaparecimento.

Não obstante a colocação de Lacan, Bassols (2017, p. 100) nos adverte que “a redução dos sintomas da histeria a uma série de transtornos orgânicos é, hoje em dia, uma nova maneira de apagar seu sentido singular, o fato de que a causalidade psíquica está no coração do sintoma dando-lhe seu envelope formal” (tradução nossa).¹ Ocorre que, se essa objetividade, nomeada como transtorno, condensa e retém os aspectos quantificáveis e avaliáveis, a clínica da neurose, representada pela histeria, produz novas formas que escapam à pretensão de objetividade. Nesse sentido, a histeria segue sendo a neurose por excelência, sua língua fundamental, da qual deriva seu dialeto: a obsessão.

É possível constatar, entretanto, que, na realidade social atual, há algo novo na histeria: o sintoma histérico não se dirige tanto ao Outro como antes. Se, em tempos freudianos, havia uma demanda pelo olhar do outro, hoje o sintoma passa do apelo ao Outro para um curto-circuito autoerótico, isto é, volta-se para a fonte pulsional ou sobre a zona erógena, o que dificulta o estabelecimento da transferência e o manejo clínico.

A abordagem lacaniana acerca da histeria, nos últimos seminários, especialmente a partir da introdução da teoria dos nós borromeanos, lança luz sobre muitas dificuldades na clínica psicanalítica na atualidade. Neles Lacan leva a histeria para além do discurso, o Outro deixa de ser a chave para ler o sintoma, o lugar do Pai passa a ser redefinido em termos nodais, permitindo alcançar algo do inconsciente real que se presentifica nas sessões. A partir do Seminário 19, no qual estabelece a formalização acerca do Um, em detrimento ao apelo ao Outro, até então dominante em sua obra, Lacan fará cortes e giros rumo ao seu último ensino, elucidando impasses da clínica. No *Seminário: livro 23: o sintoma* (1975-1976/2007b) e *Seminário 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile*

¹ “La reducción de los síntomas de la histeria a una serie de trastornos orgánicos es hoy en día una nueva manera de borrar su sentido singular, el hecho de que la causalidad psíquica está en el corazón del síntoma dándole su envoltura formal.”

à *mourre* (1976-1977/inédito), ele faz referências à histeria para além do pai e do Édipo, e em relação ao inconsciente real.

Neste texto, elege-se trabalhar com o que Lacan apresenta, no *Seminário 23*, acerca do que nomeou como histeria rígida, discutindo o falo não mais ligado à significação, mas ao semblante, à falácia, e o sintoma como acontecimento de corpo, na pretensão de favorecer discussão sobre o assunto.

2. A HISTERIA PELO AVESSO

A histeria rígida teve sua apresentação, por Lacan, no *Seminário: livro 23: o sinthoma* (1975-1976/2007b), no capítulo intitulado *De uma falácia que testemunha do real*. Nele, Lacan dá algumas indicações do que ele chama histeria rígida, mas não aprofunda em sua elaboração. É Laurent quem retoma essa passagem de 1976 e passagens do *Seminário: livro 24: L'insu que sait de l'une bevue s'aile à mourre* (1976-1977/inédito), para sustentar a formalização do termo.

Em julho de 2012, aconteceu um encontro, na Suíça, com a proposta da leitura do *Seminário 23* e dos *Estudos sobre a histeria*, e nele Laurent (2014) fez uma conferência sobre a histeria, intitulada *O Sinthome*. Nessa conferência, Laurent (2013, p. 12) argumenta que, nos anos dos *Seminários 23* e *24* (entre os dias 9 de março de 1976 e 26 de fevereiro de 1977), “Lacan enuncia uma série de proposições novas sobre o inconsciente. Dentre elas, a reformulação da histeria é crucial”, destacando que, após o seminário sobre Joyce (Lacan, 2003/1975), a proposta lacaniana é ler os *Estudos sobre a Histeria* “pelo avesso”. Isso porque o trabalho sobre Joyce seria uma “reescritura acerca dos Estudos sobre a histeria”.

Sobre o termo “avesso”, Rosa (2019) retoma a fala de Lacan no *Seminário: livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-1970/1992, p. 10), lembrando que, ao usá-lo, o projeto lacaniano era “virar ao avesso um certo número de lugares”. Segundo a autora, tomar a histeria pelo avesso, portanto, “resultava em desalojar alguns conceitos e suas funções, tal como formulados por Freud” (Rosa, 2019, p. 120). No projeto freudiano, a histeria sustenta-se nos pressupostos edípicos e no “Nome do pai”, e a identificação e o amor ao pai desempenham funções cruciais no modo de apresentação do sintoma histérico. Por seu lado, Lacan fará valer a vertente do real na histeria, ou seja, “daquilo que, inscrito no modo de um traço, insiste e retorna sempre ao mesmo lugar”, mostrando o avesso do estabelecido.

Souto (2013), ao tratar sobre o que a histeria, na atualidade, pode ensinar sobre o sintoma, utiliza-se das formalizações sobre a histeria rígida (Lacan, 1975-1976/2007b) para argumentar que se pode tomar a ideia de “avesso”, fazendo o percurso inverso de Freud. Como Lacan indica, no *Seminário: livro 17: o avesso*

da psicanálise (1969-1970/1992), Freud teria substituído o saber das históricas pelo complexo de Édipo preservando, assim, a ideia de um pai amoroso. De acordo com Lacan, bastava a Freud se guiar pela experiência da histórica para perceber que o Édipo não esgotaria tudo do sintoma. A histeria ensina que algo do sintoma não passa pelo pai, algo encoberto pela importância dada por Freud ao complexo de Édipo, que o significante é causa de gozo. Enquanto Freud apresentou a histeria fazendo um percurso do significante ao pai, colocando-o como suficiente para esgotar o sintoma, a partir de Lacan, deve-se lê-la do pai ao significante como causa de gozo.

Nessa direção Laurent (2013) considera que a questão da nossa época é que o amor ao pai não se constitui mais como o eixo em torno do qual gira a constituição do sintoma histórico. Se o sintoma não é recoberto pelo pai, por ele não portar mais o sentido que resolve os enigmas do gozo, a histeria não fará existir o pai real pela via do seu amor. Ela mostrará, na insistência do significante sozinho, a sua verdade. É isso o que mostra a histeria rígida, com muita clareza.

3. O RETRATO DA HISTERIA DE DORA POR HÉLÈNE CIXOUS

Hélène Cixous é autora da peça *O retrato de Dora*, que Lacan comentará brevemente no *Seminário 23* (1975-1976/2007b, pp. 101-103), a propósito da histeria rígida. Como esclarece Vitale (2014), Cixous é de origem argelina, filha de família judia e viveu seus primeiros anos sob o domínio colonial e antisemita francês, o que, segundo ela, deixou marcas em seu modo de escrever e pensar. Responsável por estabelecer o termo “escrita feminina”, ela inaugurou em Paris VIII o Programa de Doutorado sobre Estudos Femininos, em 1974, o que a colocou como uma referência do pensamento feminista contemporâneo.

Rosa (2019) destaca que a peça foi encenada em 1975, enquanto o atendimento de Dora, por Freud, ocorreu em 1900, sublinhando a importância de se considerar a diferença da presença do analista e das intervenções, nessa época, momento de nascimento da psicanálise. A propósito dos diálogos entre Freud e Dora, apresentados por Cixous, Rosa (2019) diz ser “impossível desconhecer que temos aí uma escritora feminista questionando o falocentrismo e o patriarcalismo da psicanálise freudiana. Isso está claramente posto no modo como Dora lida com as intervenções de Freud” (p. 103). Assim, a histeria apresentada na peça vai trazer a marca do feminismo vigente à época e apresentará uma histórica que não se dirige ao Outro, como nos havia apresentado Freud. É digno de nota lembrar que Cixous era amiga de Lacan e, juntos, chegaram a estudar James Joyce por dois anos.

Como Laurent (2013) observa, há, no *Seminário 23*, apenas uma citação sobre a histeria, localizada na terceira parte, *A invenção do real*, no capítulo 7, intitulado *De uma falácia que testemunha do real*. Ao assistir à peça, Lacan surpreende-se como os atores se apresentam, e é o próprio ato dos corpos em cena que o toca. Segundo ele, “a peça é realizada de um modo real, quero dizer que a realidade, por exemplo, a dos ensaios, no final de contas, foi o que dominou os atores” (Lacan, 1975-1976/2007b, p. 102). Assim, Laurent (2013) explicita que “não é o texto que dominou os atores, mas a pragmática mesma do dizer” (p. 13).

Lacan ressalta que, na peça, trata-se mesmo da histeria, mas ainda que Dora apresente suas manias de histérica, há algo diferente na sua histeria. O personagem Freud, ou melhor, o ator Freud chama a atenção de Lacan por sua “entonação”. Preocupado em não parecer um Freud caricato, ele aparece visivelmente chateado. É essa encenação, com destaque para o corpo, conforme indica Laurent, que fará Lacan observar ali, uma histeria muito particular.

Daí resulta, no conjunto, alguma coisa curiosíssima, em suma. Temos ali a histeria . . . que eu poderia chamar *incompleta*. Quero dizer que, com a histeria, é sempre dois, pelo menos desde Freud. Ela aparece ali reduzida a um estado que eu poderia chamar de **material** . . . Falta ali esse elemento que foi acrescentado há algum tempo – no final de contas, desde antes de Freud –, a saber, como é que ela deve ser compreendida. É uma espécie de **histeria rígida** (Lacan, 1975-1976/2007b, p. 102, destaque nosso).

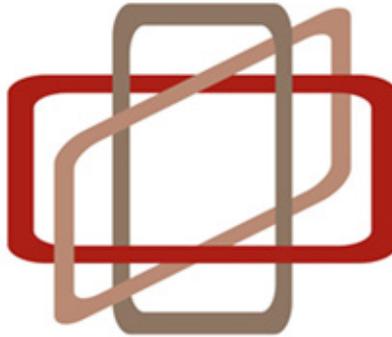
Para Lacan, a Dora de Cixous seguramente era uma histérica e trazia os mesmos sintomas e histórias da Dora freudiana: trauma aos 14 anos, sua paixão pela Sra. K, a bofetada na cena do rio. Todos os elementos do caso de Freud estavam em cena, mas a materialidade e a rigidez eram elementos centrais na descrição dessa histeria, identificada na peça, que não se viam na histeria de Dora, apresentada por Freud. Nesta, o elemento fundamental era o amor ao pai, uma identificação ao pai, regulados pelo falo como significante primordial na apreensão do sentido.

A materialidade da histeria, vista por Lacan naquele contexto, se suporta na ausência de um elemento, existente desde Freud, que esclarece como ela deve ser compreendida: classicamente o sintoma histórico é endereçado ao outro, um sintoma que fala, portador de um sentido. Na peça, portanto, ela é material por estar disjunta do sentido. Cixous apresenta Dora sem qualquer aparelhagem de sentido, uma histérica sem seu parceiro, pois quando Lacan diz que a histeria é, desde Freud, sempre dois, ele designa que a histérica é acompanhada de seu interpretante. Na histeria clássica, Lacan (1976-1977; aula proferida em 14 de dezembro de 1976) estabelece esse intérprete como sendo o pai, propondo, inclusive, um modelo topológico da histeria sustentado pela “armadura de amor ao pai”, dando-lhe estabilidade.

Sobre a denominação “rígida”, há, na sequência do texto, a apresentação de uma cadeia borromeana formada por três retângulos, em vez de anéis. A rigidez, entretanto, não se apresenta por isso, mas, pela falta de um elemento que está sempre presente no nó borromeano, o “Nome do Pai”. Ela se mantém enlaçada apenas com os registros real, simbólico e imaginário.

Figura 1

Nó borromeano da histeria rígida



Fonte: adaptado de Lacan, 1975-1976/2007b, p. 104.

Segundo Laurent (2013, p. 14), “aqui está toda a questão: a histeria, apresentada por Cixous, é uma histeria sem este intérprete particular que é o Nome-do-Pai. Esta histeria se sustenta sozinha”. É nesse sentido que Miller explica, nas notas passo a passo do *Seminário 23*, que se o nó do sujeito se sustenta sozinho, não há necessidade do “Nome do pai”, ele seria redundante. Por outro lado, se o nó não se sustenta sozinho “o nome exerce a função de *sinthoma*” (Lacan, 1975-1976, 2007b, p. 238), constituindo o quarto elo. O nome é, em psicanálise, a chave para a resolução do gozo pelo sentido, tal como a metáfora paterna: o “Nome do pai” dá significado ao desejo materno, dando-lhe a significação do falo.

Como destaca Lacan, o falo está, aqui, relacionado ao real e, logo, para Laurent (2013, p. 13), “fora da metáfora paterna”, pois não se apresenta em sua vertente primordial de significação, como descrita em *A significação do falo* (Lacan, 1958/1998a). Para Laurent, isso é o que permitirá a Lacan rever a histeria. Ao se tomar os elementos-chave da cadeia rígida, aquela que se mantém inteiramente sozinha, Laurent (2013) conclui: “Trata-se de uma cadeia tal que nela há uma apreensão do gozo e do sentido sem necessidade de passar pelo Nome-do-pai, pelo amor ao pai, pela identificação ao pai” (p. 14). Assim, para ele, a partir da histeria rígida passa-se do sistema falante ao sintoma como escrita. Como se dá essa passagem?

O sistema falante está presente na histeria clássica, ordenada pela interpretação do “Nome do pai” e sustentada pela “armadura de amor ao pai” que é aquele que dá sentido ao sintoma histérico, um S1 que se dirige ao S2. Por outro lado, a partir da histeria rígida há uma histeria que rompe com a referência ao pai, sustenta-se sozinha na repetição do significante único, S1, sem a referência ao S2. Aqui o sintoma não se dirige mais ao Outro, mas sustenta-se na repetição do Um, como letra de gozo. Assim, há uma vertente organizada pelo simbólico e a outra pelo real do corpo. A passagem do sistema falante, metafórico, simbólico, ao sintoma como escrita permite que a histeria seja repensada, em termos de enlaçamento rígido, na época do Outro que não existe, como indica Miller (2005), em *El Otro que no existe e sus comités de ética*.

Lacan (1975-1976/2007b, p. 103) destaca que articulou a cadeia rígida conjugando o simbólico, o imaginário e o real, mas depois de muito discutir sobre os primeiros registros, ele se perguntou sobre o que poderia ser o real nessa conjunção. Concluiu que o real não seria apenas um dos anéis ou uma das cordinhas de barbante, pois “esta é a maneira de apresentá-las em seu nó de cadeia, que, nela inteira, constitui o real do nó”. Assim, ao apresentar a cadeia borromeana rígida, esta que não necessita do “Nome do pai” para se sustentar, Lacan diz que nela o importante é o real, pois a cadeia inteira constitui o real do nó, indicando que a histeria rígida evidencia a vertente real do sintoma.

Pode-se perceber, assim, que a ideia de histeria rígida resvala em vários conceitos, os desalojando de seus lugares clássicos. É o avesso tomando forma. O falo que não está relacionado à significação, a histeria que não se sustenta sobre o amor ao pai, ao sentido que não aparece mais como um tratamento ao gozo e o sintoma que não é mais o mesmo. Como se articulam esses novos sentidos?

4. DO CORPO EM CENA AO ACONTECIMENTO DE CORPO

Lacan toma a peça de Cixous como algo instrutivo sobre a histeria. A Dora apresentada provoca surpresa, pois ali a histeria não pode mais ser compreendida pelos seus elementos clássicos. É o incômodo dos atores, a entonação daquele que representa Freud, Dora que insiste em destituir as intervenções de Freud por não haver nenhum saber suposto e que retoma seguidamente as cenas traumáticas, tornando necessário “estar atentos não somente ao que os atores dizem, mas também a como falam com seus corpos; isto é, como a própria encenação em suas representações afetou os corpos dos atores”² (Vitale, 2014, p. 30, tradução nossa). O que se apresenta é algo não regulado pelo “Nome do pai” e corpos que falam de um modo real, um incômodo na relação corpo-palavra.

² “Estar atentos no sólo a la que los actores dicen con sus textos sino a cómo hablan con sus cuerpos; es decir, a cómo la puesta en escena misma em sus repeticiones ha afectado el cuerpo de los actores.”

Em *Joyce: o sintoma* (1975/2003), conferência que Lacan proferiu antes de iniciar o *Seminário 23*, pode-se encontrar a seguinte afirmação sobre o sintoma: “Deixemos o sintoma no que ele é: um acontecimento de corpo” (Lacan, 1975/2003, p. 565). A noção de acontecimento de corpo, esclarece o novo que se apresenta por meio da histeria rígida. Se o falo, nesse registro, não se presta somente às significações, mas resulta na repetição de um gozo sempre o mesmo, é imprescindível ler o corpo para além do corpo sintomático da histérica.

O falasser, “corpo vivo” que não passa pela identificação histérica, é o suporte desse corpo e do sintoma. A noção de sintoma como um acontecimento de corpo funda-se no princípio de que o corpo é algo que se tem e se opõe à ideia de ser um corpo. Para o homem, diferentemente do animal, não há identificação entre eu e corpo, pois o homem, submetido ao significante, “divide seu ser e seu corpo, reduzindo este último ao estatuto do ter” (Miller, 2004, p. 50). Segundo Miller, acontecimento de corpo é uma condensação, pois “trata-se sempre de acontecimentos de discurso, que deixam traços no corpo. E estes traços desorganizam o corpo” (p. 50), de modo que é um acontecimento do significante no corpo, já que falar com o corpo é o que qualifica o falasser.

Miller (2004), em *Biologia lacaniana e acontecimento de corpo*, retoma o texto de Freud, *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* (1910, citado por Miller, 2004), para discutir a relação entre as palavras e os corpos. Segundo ele, Freud apresenta o corpo histérico como um corpo, de um lado, em luta pela autoconservação e, de outro, pelo gozo pulsional fragmentado. No texto de Freud, o olho é o órgão que demanda dois lados: enquanto a visão responde aos anseios da autoconservação, a cegueira rompe com esse equilíbrio, perturbando o bom funcionamento do corpo. É, assim, que um órgão pode se desobrigar da autoconservação, desligando-se do todo corporal e impondo a presença do corpo fragmentado. O órgão interrompe sua obediência ao saber do corpo, do lado da vida, para ser suporte do “se gozar”, com acento para o autoerotismo. É uma interrupção do funcionamento regulado do corpo que marca o momento em que o prazer, que se excedeu à finalidade da vida, é tornado gozo. Segundo Miller (2004), Freud demonstra, assim, que “a verdade e o gozo têm parte ligada, trabalham as duas contra os algoritmos do corpo” (p. 49). Miller conclui que o mesmo organismo deve suportar dois corpos distintos: de um lado, um corpo que sabe o que é preciso para sobreviver, o corpo epistêmico, o corpo que sabe o que lhe é necessário e, de outro, o corpo libidinal que concorre com este saber.

Como sublinha Miller (2004), o acontecimento, que é sempre de discurso, deixa traços que desorganizam os corpos pelos sintomas e afecções. Há signo e significante e a diferença entre eles é que o signo marca a presença do ser, é vida e palpitação, enquanto o significante é falta. Na lógica do significante

há o sujeito morto e, de outro lado, há o indivíduo palpitante, afetado pelo inconsciente. A hipótese lacaniana, segundo Miller (2004), é que o indivíduo afetado pelo inconsciente é o mesmo que faz o que ele chama de “sujeito de um significante” (p. 52). A implicação disso é que o significante não tem apenas efeito de significação, mas, também, de afetar um corpo. Afetar diz respeito a tratar daquilo que perturba e deixa traços no corpo.

O efeito de “afetar” inclui também o efeito do sintoma, o efeito de gozo, e mesmo efeito de sujeito, mas efeito de sujeito situado num corpo e não puro efeito de lógica. Quando se trata de efeito durável, efeito permanente, podemos muito bem, situá-los, chamando-os de traços (Miller, 2004, p. 52).

Dessa forma, o acontecimento como evento que produz traços de afetação está relacionado ao trauma que, no sentido lacaniano, não está ligado a um acidente, mas à possibilidade de o acidente contingente deixar traços de afetação, isto é, à incidência da língua sobre o ser falante e, precisamente, à incidência da língua sobre o corpo. Dessa forma, Miller (2004) sustenta que não é a “sedução, não é a ameaça de castração, não é a perda de amor, não é a observação do coito parental, não é o Édipo que é o princípio do acontecimento fundamental, traçador de afetação, mas a relação com a língua” (p. 53). Tal contexto é traduzido por Lacan pela fórmula “o significante é a causa do gozo”, já que traduz, exatamente, a afetação do corpo pela língua.

Resta verificar como o significante, que é uma estrutura formal e lógica, pode ser matéria, ou melhor, como pode se materializar.

Ele (o significante) se materializa naquilo que suporta o significante, é assim que podemos compreender que o significante possa ter sua matéria, sem dúvida, emprestada do som, mas também do corpo. É bem o que ressaltamos no sintoma histérico: que o significante é suscetível de se materializar no corpo (Miller, 2004, p. 64).

A corporização, um evento nomeado por Miller a partir do último ensino de Lacan, é o modo pelo qual o significante torna-se corpo ao afetar o corpo do ser falante. Na corporização, o significante fragmenta o gozo do corpo, fazendo aparecer o “mais de gozar”. Lacan chama a esse efeito corporal do significante de afecção, ou seja, os seus efeitos de gozo, que desarranjam as funções do corpo vivo.

Segundo Indart et al. (2014), a cena em que Dora descreve seu trauma sexual na loja do Sr. K. é o relato de um acontecimento corporal em que há deslocamentos metonímicos pelo corpo sem nenhuma significação fálica. Dora relata sentir o peso da cabeça do Sr. K. em seu peito, enquanto imaginava uma mão como uma faca, que tentou cortar a sua garganta. Há uma impossibilidade de se saber se

a garganta era dela ou do homem e, por isso, ficaram sequelas na garganta de Dora. Para os autores, “essas marcas de deslocamento de gozos metonímicos no corpo são sintomas, mas não são metáforas” (Indart et al., 2014, p. 45, tradução nossa).³ Dessa forma, estão fora da regência do “Nome do pai”, pois não podem ser acessadas por intervenções edípicas e fálicas.

Nessa direção, é importante lembrar que Dora construiu uma fantasia sexual, ao colocar em cena o sexo oral como forma pela qual, seu pai, um homem “sem recursos”, ou seja, impotente, pôde manter uma relação amorosa com uma mulher, a Sr.^a K. Tal fantasia, segundo Freud, era expressa pelos sintomas da afonia e da tosse, modos pelos quais Dora se identificava ao gozo paterno. Como salienta Laurent (2013, p. 15), “A afonia coloca em jogo a sua própria boca nessa participação do gozo do pai”.

Lacan (1951/1998b), em *Intervenção sobre a transferência*, destaca a cena colocada por Freud como a base somática para a fantasia de Dora:

Elle lembrava muito bem de ter sido na infância uma “chupadora de dedo” . . . A própria Dora tinha clara na memória a imagem de uma cena em sua tenra infância em que, sentada num canto do assoalho, ela chupava o polegar esquerdo, enquanto com a mão direita puxava o lóbulo da orelha do irmão, sentado quieto ao seu lado (Freud, 1905/1989, pp. 54-55).

Lacan (1951/1998b, p. 220) dá a essa cena o lugar de “matriz imaginária” dos sintomas futuros de Dora. É sobre esse acontecimento que a fantasia e a prevalência do gozo oral de Dora se fixam, “ou seja, o acontecimento pelo qual, para ela, o gozo tem uma consistência e se fixa, um S1 sozinho, um traço que se repete e não se sustenta em sentido algum” (Souto, 2013). É assim que, ao construir sua fantasia de sugar o pênis, Dora produz uma significação do gozo, sustentada pela identificação e pelo amor ao pai, dando sentido para aquele traço sem sentido, marcado na primeira infância.

O que se observa, entretanto, é que o sintoma como acontecimento de corpo está lá, antes que o pai ou o “Nome do pai” lhe dê sentido. Há algo do sintoma que sempre ficará fora da operação paterna. É isso que a histeria rígida ensina, é nisso que ela é instrutiva: uma forma da histeria que se sustenta no Um sem o apoio do pai como instrumento por meio do qual o gozo poderia ser resolvido pelo sentido.

Vê-se, dessa forma, que a histeria rígida se apresenta sem o elemento que lhe dá significação, parceiro interpretante do seu sintoma. Nesse registro, o sintoma histérico parece sustentar-se numa vertente libidinal, traduzido em sua materialidade pela fixação no S1, ou pelo traço que fixa o gozo no corpo, como explicou Miller. Souto enfatiza a cena infantil de Dora com o irmão, na qual há

³ “Esas marcas del desplazamiento de goces metonímicos em el cuerpo son síntomas, pero no son metáforas.”

um “traço que asseguraria a conservação de um sintoma mesmo que ele tenha perdido seu significado” (Souto, 2013). Se “o material, no fundo, é o sintoma como tal separado do sentido”, como explica Laurent (2013), na histeria rígida, o sintoma se sustenta no Um-sozinho, no significante em sua materialidade de substância gozante (Miller, 2011). A iteração do Um, que não se liga a nada, marca sua presença na Dora de Cixous, pelo gozo oral. Sobre isso Rosa (2019) conclui que

Se se considera a histeria em sua rigidez, em sua materialidade, toda a sintomatização e fantasmática que sustentaram Dora estaria ancorada nesse ponto, o qual arrimaria o sujeito e faria a amarração dos três registros. Esse traço geraria uma repetição do real do gozo e não portaria nem demandaria sentido algum (pp. 127-128).

A cena infantil é o que amarraria e manteria juntos o real, o simbólico e o imaginário. É a cena na qual se pode localizar “a matriz da sua posição de gozo oral” (Rosa, 2019, p. 127), é o que faria as vezes do quarto elemento, ausente no nó da histeria rígida. Pode-se pensar, então, que o corpo, como acontecimento e sintoma, é o que sustenta o nó sem o “Nome do pai”, o nó rígido da histeria.

5. O FALO: DA SIGNIFICAÇÃO À FALÁCIA

Laurent discute o significado da palavra “falácia”, indicando que esta se destaca do título por ser tão antiga quanto a palavra *sinthoma* e por ser pouco utilizada na língua moderna. Segundo ele, falácia, no feminino, corresponde, para Lacan, “ao novo lugar que ele dá ao falo, o falo é o semblante que dá testemunho do real” (Laurent, 2013, p. 13). Esse lugar é diferente daquele indicado em *A significação do falo* (Lacan, 1958/1998a), em que ele era testemunha da significação, já que se relacionava aos efeitos da significação. Em 1975, como destaca Rosa (2019, p. 121), o falo tem “estatuto de um argumento logicamente inconsistente que verifica o real”, lembrando que falácia se refere a um raciocínio errado com aparência de verdadeiro. Assim, o falo como testemunha, ou como “aquele que atesta a verdade de um fato” (Rosa, 2019, p. 121), pode atestar a verdade da significação (-) ou do real (). Segundo Laurent, é a partir desse novo lugar dado ao falo que a histeria pôde ser revista por Lacan.

A histeria, como se conhece, está nas origens da psicanálise, época organizada em torno dos ideais, momento em que o Édipo foi o elemento organizador da neurose circunscrita em torno da constatação de uma ausência, a separação entre a menina e sua mãe e o aparecimento do amor ao pai como promessa de restaurar o estado anterior das coisas. Assim, a menina recorre ao pai como aquele que, portando o falo/sentido, pode lhe dar o substituto daquilo que lhe aparece como ausente.

No texto *A significação do falo* (Lacan, 1958/1998a), o falo é apresentado como o estruturador do campo sexual e do campo do desejo. Em 1958, como observa Bonfim (2014), a significação para Lacan é produzida pela metáfora e pela metonímia, já que uma significação remete sempre à outra, como um acréscimo no caso da metáfora e uma diminuição no caso da metonímia. A significação fálica é resultado da metáfora paterna que faz instalar a função do falo como significante especial a partir do qual o sujeito constrói e atribui significado ou sentido aos significantes que o marcam, pois o “significável é aquilo que pode se tornar significado por ação do significante” (Lacan, 1958/1998a, p. 695). É por meio do falo que outros significantes podem ganhar significação.

A função fálica, relacionada ao simbólico, indica uma renúncia ao gozo, cuja marca vem da castração, pois “o falo é o significante privilegiado dessa marca, onde parte do logos se conjuga com o advento do desejo” (Lacan, 1958/1998a, p. 692). Rabinovich (2005) discute essa assertiva e assinala a dimensão do falo como um significante privilegiado que liga sexualidade e linguagem, deixando uma marca no corpo. O falo vem suprir a perda que o homem tem de tudo aquilo que poderia ter de natural, biológico e instintivo na sexualidade ao ser introduzido no mundo da linguagem. Nessa via, relacionada à castração, o falo atesta a verdade da significação.

Se o significante nomeia a coisa ausente, o falo tem dupla função: aparecer e desaparecer, mostrar e esconder a falta. É por estar velado (nem ausente, nem totalmente revelado) que desempenha essa função e pode articular-se ao desejo (Bonfim, 2014), regulando a novela edípica. Como resultado, temos o amor ao pai e o sentido sintetizado no falo como categorias referenciais para a histeria. Em todos os casos de histeria, apresentados por Freud, encontramos o amor ao pai como elemento central.

Souto (2013) esclarece que, mesmo sem o recurso para resolver o gozo pelo sentido, demonstrado pela histeria rígida, a histérica não deixaria de portar, em seu corpo, a marca da castração, ou seja, o falo. Este não aparece em sua vertente de significação, como resultado da metáfora paterna, mas como significante do gozo. Neste contexto, como demonstra Miller, a função do significante passaria a ser a de aparelhar o gozo, dar-lhe substância e materialidade. Por isso “o sintoma histórico hoje se sustentaria muito mais da materialidade do significante que em sua produção de sentido” (Souto, 2013).

O que se vê, a partir da Dora de Cixous, aquela que não necessita de sustentar o pai por meio de seu sintoma, criando um sentido para ele, é que ela se sustenta no significante que é marca de gozo. O falo, que aqui está fora da metáfora paterna, isto é, separado de toda significação edípica, aparece como significante

do gozo do Um, como semblante que testemunha o real, como e não como – . O falo é o que permanece no corpo como resíduo condensador de um gozo incurável, sustentação do gozo do Um.

Sendo assim, o falo fora da metáfora paterna, é a presença real de um gozo e ao mesmo tempo marca da castração que não está referida à falta paterna e sim ao furo da inexistência da relação sexual. Trata-se “do real marcado pela falácia”. É desde esse lugar que o falo pode aparecer como passível de verificar que o furo da inexistência da relação sexual é real (Souto, 2013).

Nessa via, o falo atesta a verdade do real. Como ressalta Miller (2004), a não relação sexual é o acontecimento lacaniano no sentido do trauma, aquele que deixa traumas em cada um. Ele deixa um traço em cada um, não como sujeito, mas como falante. Deixa traços no corpo, que são os sintomas e as afecções. A partir disso, há uma materialidade do significante que se apresenta sempre o mesmo. Se o falo se presta a ser o semblante para lidar com a não existência da relação sexual, ele também é a constatação de que a não relação tem efeitos de real.

Esse aparelhamento do gozo que não passa pelo sentido parece ser a marca do nosso tempo não só na clínica da histeria. O modelo edipiano não deixa de ser uma referência, mas é abalado, deixa de ser a única referência, a universal. A partir disso, o inconsciente também se afeta e a forma de apresentação sintomática adquire novas roupagens conforme se apreende na análise da histeria rígida.

6. CONCLUSÃO

A utilização da histeria rígida como possível orientador para casos contemporâneos não pretende seguir a lógica dos manuais de psiquiatria na produção de novas categorias diagnósticas. Tal como propôs Miller (2008/2012), para a psicose ordinária, a histeria rígida pode funcionar como um campo de investigação, pois com o uso desse sintagma indica-se que sob a expressão do que se nomeia “novos sintomas” ou os mais variados transtornos, pode-se fazer assentar o que ali aparece sob nova roupagem para indicar que se trata de uma neurose, no caso, a histeria.

Se, como foi destacado, a época modifica os modos de apresentação dos sofrimentos, a neurose de hoje não é a mesma de Freud. Assim, é preciso construir meios para reconhecê-la, em vez de rechaçá-la. Ao se trabalhar a histeria rígida, pelas características da materialidade e da rigidez, é possível indicar que nem tudo do sintoma está referenciado ao Édipo e ao “Nome do pai”. Nela aparece uma vertente da histeria que não opera pelos efeitos do falo como significação,

e que subverte a mostraçãõ do inconsciente tido como a ligaçãõ de S1-S2, o inconsciente transferencial e o sintoma como uma metáfora. Nessa histeria há apenas a repetiçãõ do significante Um sozinho, que não se liga a nada, mas que fixa um gozo ininterrupto, que se sustenta por um evento corporal sobre o qual se constitui o sintoma. Assim, o acontecimento de corpo na infânciã de Dora pode ser o elemento que faz o enodamento dos registros, um *sinthoma* que não é explícito no nó, mas que dá a essa cadeia a rigidez da operaçãõ do significante do Um sozinho.

Nesse contexto, deve-se pensar a funçãõ do analista para operar com o que não visa o sentido, mas apenas o gozo. A interpretaçãõ analítica, ao se pensar a histeria, na atualidade, requer que o analista vise o corpo falante para produzir com ele um acontecimento.

REFERÊNCIAS

- Alvarenga, E. (2013). Ao ponto inicial; aspectos clínicos da repetição na neurose obsessiva. In R. M. Oliveira (Org.), *Seminários em psicopatologia: da psiquiatria clássica à Contemporaneidade*. (pp. 319-331). Coopmed.
- Bassols, M. (2017, outubro). Novedades de la histeria. *El Psicoanálisis: revista de la Escuela Lacaniana de Psicoanálisis del Campo Freudiano*, 30-31, 99-112.
- Bonfim, F. G. (2014, julho-dezembro). Perspectivas sobre o escrito lacaniano: a significação do falo. *Analytica*, 3(5), 157-182.
- Indart, J. C., Benito, E., Gasbarro, C., Kainer, E., Rubinetti, C., & Vitale, F. (2014). *De la histeria sin nombre del padre I*. Grama.
- Freud, S. (1989). Fragmento de uma análise de um caso de histeria. In J. Salomão (Ed. & Trad.), *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 7, pp. 12-115). Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Lacan, J. (1976-1977). *Séminaire 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. <http://staferla.free.fr/S24/S24.htm>
- Lacan, J. (1992). *O seminário: livro 17: o avesso da psicanálise*. Jorge Zahar. (Trabalho original proferido em 1969-1970)
- Lacan, J. (1998a). A significação do falo. In *Escritos*. (pp. 692-703). Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (1998b). Intervenção sobre a transferência. In *Escritos*. (pp. 214-225). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1951)
- Lacan, J. (2003). Joyce, o sintoma. In *Outros escritos*. (pp. 560-566). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1975)
- Lacan, J. (2007a, dezembro). Considerações sobre a histeria. *Opção Lacaniana*, 50, 17-22. (Trabalho original publicado em 1977)
- Lacan, J. (2007b). *O seminário: livro 23: o sinthoma*. Jorge Zahar. (Trabalho original proferido em 1975-1976)
- Laurent, E. (2013, 22 e 23 de novembro). *Falar com seu sintoma, falar com seu corpo*. 6º Enapol, Buenos Aires. <http://enapol.com/vi/pt/portfolio-items/falar-com-seu-sintoma-falar-com-seu-corpo/>

- Laurent, E. (2014, novembro). Conferencia: el sinthome. *Consecuencias Revista digital de Psicoanálisis, Arte y Pensamiento*, 13-14. (Trabalho original proferido em 2012). <http://www.revconsecuencias.com.ar/ediciones/014/template.php?file=arts/Derivaciones/Conferencia-El-Sinthome.html>
- Miller, J. A. (2004). *Biología lacaniana e acontecimiento de corpo*. *Opção Lacaniana*, 41, 6-67.
- Miller, J. A. (2005). *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Paidós.
- Miller, J. A. (2011). *Sutilezas analíticas*. Paidós.
- Miller, J. A. (2012). Efeito de retorno à psicose ordinária. In M. C. D. Batista, & S. Laia (Orgs). *A psicose ordinária*. (pp. 399-427). Scipitum. (Trabalho original publicado em 2008)
- Rabinovich, D. (2005). *A significação do falo: uma leitura*. Companhia de Freud.
- Rosa, M. (2019). *Por onde andarão as histéricas de outrora: um estudo lacaniano sobre as histerias*. Edição da autora.
- Souto, S. (2013, 22-23 de novembro). *A histeria hoje*. 6º *Enapol*, Buenos Aires. Disponível em: <http://enapol.com/vi/pt/simone-souto-2/>
- Vitale, F. (2014). Segunda noche. In: J. C. Indart, E. Benito, C. Gasbarro, E. Kainer, C. Rubineti, & F. Vitale, F. *De la histeria sin nombre del padre I*. (pp. 27-55). Grama.